

EDUCAÇÃO ESCOLAR E A FORMAÇÃO HUMANA: OS DESAFIOS IMPOSTOS PELA MÍDIA¹

SCHOOL EDUCATION AND HUMAN FORMATION:
THE CHALLENGES IMPOSED BY MEDIA

MARLON ANDRÉ DA SILVA*
PAULO EVALDO FENSTERSEIFER**

RESUMO

Partindo do entendimento de que dentre as responsabilidades da escola se encontra a formação do homem para seu tempo e contexto, o presente texto discute acerca dos desafios impostos pelos meios eletrônicos e virtuais de comunicação à escola na sociedade contemporânea. Em um primeiro momento, discorre-se sobre o papel da escola na formação humana, entendendo que muito do que está posto como natural (tradição) no mundo (sociedade) revela outras nuances quando submetido à crítica. Em um segundo momento, considera-se que vivemos hoje numa sociedade informacional, permanentemente bombardeados por palavras, sons, imagens, na forma de sinais, índices, ícones e símbolos, examinando-se as suas implicações na educação. Por fim, aponta-se para a necessidade de a escola aprender a lidar com esse universo de informações.

Palavras-chave: Educação escolar; Formação humana; Cultura; Mídia.

ABSTRACT

Based on the understanding that amongst the school responsibilities is the human being formation in his time and context, this paper discusses the challenges imposed by electronic and virtual means of communication to school in contemporary society. Firstly, it talks about the school's role in human development, considering that much of what is presented as natural (tradition) in the world (society) reveals other nuances when it is submitted to criticism. Secondly, it is considered that nowadays people live in an informational society, constantly affected by words, sounds, images, in the form of signals, indexes, icons and symbols form, examining their influences upon education. Finally, it is noticed the necessity for school to learn how to deal with all this information.

Keywords: School education; Human development; Culture; Media.

¹ Texto apresentado no III SENAPE - Seminário Nacional de Filosofia e Educação: confluências. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/senape/trabalhos/eixo1/eixo1_marlonandredasilva.pdf>.

* Mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí e professor do Instituto Federal de Educação Rio Grande do Sul - Campus Canoas.

** Doutor em Educação pela Unicamp e professor do Departamento de Pedagogia da Unijuí.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

“Que homem é o homem que não torna o mundo melhor”

Frase do filme: “Cruzada”

A epígrafe acima foi extraída do filme “Cruzada”². Nesse roteiro cinematográfico, Balian (Orlando Bloom) é um jovem ferreiro francês que guarda luto pela morte de sua esposa e filho. Ele recebe a visita de Godfrey de Ibelin (Liam Neeson), seu pai, que é também um conceituado barão do rei de Jerusalém e dedica sua vida a manter a paz na Terra Santa. Balian assume para si a missão do pai e, após a sua morte, herda terras e um título de nobreza em Jerusalém. Determinado a manter seu juramento, Balian decide permanecer no local e servir como cavaleiro a um rei amaldiçoado. Paralelamente, ele se apaixona pela princesa Sibylla (Eva Green), a irmã do rei. Desperta a atenção, no filme, a clareza de Balian em relação aos motivos pelos quais lutava. Como seu pai, o jovem entendia que as lutas, que há vários anos eram travadas entre muçulmanos e cristãos, pouco ou nada tinham de motivos “santos”. O filme retrata uma situação muitas vezes repetida, em que Deus é usado para justificar a ambição dos homens. É contra isso que Balian luta. No filme, o personagem busca defender a vida e não muros de pedras. O mundo melhor, para ele, seria um mundo onde o ser humano estivesse à frente das riquezas materiais.

Logo no início do filme, uma madeira com a inscrição da frase *“que homem é o homem que não torna o mundo melhor”* é exibida, cuja cena é retomada no final. Aqui, a frase é tomada

como fonte de reflexão numa aproximação inevitável com aquele que, assim como o personagem do filme, sempre tem (ou deveria ter) um projeto utópico de melhorar o mundo: o professor. Tal concepção está alicerçada na ideia de que trabalhar com educação é crer na perfectibilidade humana,

na capacidade inata de aprender e no desejo de saber que a alma, em que há coisas (símbolos, técnicas, valores, memórias, fatos...) que podem ser sabidas e que merecem sê-lo, em que nós, homens, podemos melhorar uns aos outros por meio do conhecimento (SAVATER, 2000, p. 24).

Essa definição em relação às finalidades da educação, em síntese, trabalhar em prol de um “mundo melhor”, tem motivado infindáveis reflexões. Muitos pensadores já se debruçaram, outros tantos se debruçam sobre ela, cada um a seu tempo, a seu modo, geralmente focando preocupações de sua época. Ousamos também tecer algumas reflexões a esse respeito, porém tendo como pano de fundo a escola e suas preocupações com a sociedade contemporânea.

REFLEXÕES ACERCA DO “SENTIDO” DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Tomando a educação e a referida epígrafe como ponto de partida, é pertinente questionar: O que seria esse “mundo melhor”? Melhor em quê? Melhor para quem? Será que todos concordam que ele deve melhorar? Qual o lugar da escola neste debate? Os personagens de Quino nos dão uma ideia da complexidade do tema.

² Título original: “Kingdom of Heaven”. Título da tradução brasileira: “Cruzada”. Gênero: aventura. Ano (EUA): 2005. Estúdio: 20th Century Fox/Kanzaman S.A. Direção: Ridley Scott. Atores principais: Orlando Bloom, Liam Neeson, Jeremy Irons, Eva Green e Edward Norton. Duração: 128 minutos.



Fonte: Mafalda, criação de Quino (Joaquín Salvador Lavado), humorista argentino.

Começamos pelas perguntas básicas: o quê, como, por quê – elementos comuns que nem por isso deixam de ser importantes. Desde os primeiros filósofos gregos, tais perguntas são potencialmente transformadoras. Acreditamos que isso se deve não apenas às respostas dadas (elas são relativas), mas, principalmente, ao fato de fazer as pessoas pensarem, sempre de novo, sobre algo. É possível perceber, porém, que essa situação (refletir) se tornou um dilema para o ser humano na atualidade, uma vez que parece não ter tempo para “porquês”. Está mais preocupado em fazer as coisas, independente de entender o que faz e qual o objetivo do que faz, caracterizando um exacerbado imediatismo³. A maioria das pessoas não suporta muitos “porquês”, desistindo facilmente de qualquer empreitada um pouco mais profunda. Talvez, as respostas a que chegariam pudessem lhes tirar a segurança que suas certezas, mesmo frágeis, garantem. Poderiam revelar-lhes algo que as deixariam inseguras. Quem sabe tenha razão Elliot, ao afirmar que “os homens suportam uma dose muito pequena de realidade” (citamos de memória).

Propomo-nos, neste texto, a exercitar-nos nestas interrogações, ousando refazer essas perguntas, dispostos a desvelar a realidade em sua complexidade e, ao mesmo tempo, desvelar-nos, correndo os riscos que uma empreitada como esta pode acarretar. As palavras “mundo” e “melhor” são o mote que pretendemos usar para conduzir nossas reflexões. Buscamos na Filosofia o amparo (ou o desamparo) para mexer no que para muitos pode parecer óbvio. Se, como afirma Merleau

³ Ter como único critério o uso imediato de algum saber dificulta a obtenção dos objetivos educacionais que são, em sua maioria, de longo prazo.

Ponty, a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, então devemos mexer naquilo sobre o qual paramos de pensar (apud ARANHA; MARTINS, 1986).

Nossa escrita remete a pensar em um processo de “desnaturalização”, pelo exercício da crítica, evidenciando que o “dado” não passa de uma possibilidade solidificada por uma tradição sociocultural de uma dada sociedade. Cabe, então, problematizar os critérios que embasam alguns fenômenos relativos à educação. Porém, em relação à tradição, devemos reconhecer que o mundo é produção histórica situado na tradição e é do seu interior que esboçamos um esforço crítico. Poderíamos nos perguntar, por esse viés, qual o *sentido* que se pode vislumbrar hoje da educação institucionalizada? Entendemos que uma maior compreensão acerca dessa questão nos ajuda a refletir sobre as perguntas iniciais: Que mundo queremos? e por que o queremos? A esse respeito escreveu Savater (2000, p. 210-211):

Buscar o ‘sentido’ de alguma coisa é pretender identificar sua orientação própria, seu valor intrínseco e seu significado vital para a comunidade humana. A indagação pelo sentido da educação não equivale apenas a ‘o que é educação?’ e até ‘o que deveríamos pedir à educação?’. Sem dúvida, não basta ensinar aos neófitos algumas habilidades simbólicas e prepará-los para desempenhar um ofício, nem muito menos inculcar-lhes hábitos de obediência e respeito ou fermentos de inconformismo. Não, é necessário algo mais: é preciso entregar-lhes a perplexidade total do mundo, nossa própria perplexidade, a dimensão contraditória de nossas frustrações e de nossas esperanças. É preciso dizer pedagogicamente aos que vêm

que esperamos tudo deles mas não podemos ficar esperando por eles. Que lhes transmitimos o que acreditamos ser melhor do que fomos mas sabemos que lhes será insuficiente... como foi também insuficiente para nós. Que transformem tudo, começando por si mesmos, mas mantendo a consciência – por fidelidade ao humano, sua raiz única e verdadeira, esse feixe de tentáculos que, sob as aparências, procura os outros e agarra a eles – do que é e como é (do que foi e como foi) o que vão transformar.

Savater (2000) afirma, com base em Marx, que a raiz dos homens, a qual deve ser preservada, é o humano. A afirmação é tão esclarecedora quanto suscitadora de dúvidas. A que “humano” estaria o autor se referindo? Afinal, alguém pode ser considerado como “não humano”? O fato de nascermos não basta para nos caracterizar como humanos? Se concordarmos com Kant (1996), então realmente não nascemos humanos, mas o autor nos mostra o caminho: a educação. É por meio dela que forjamos nossa humanidade.

E o que se entende por “ser humano” (ou “o que é ser homem”)? Ou melhor, o que entendemos que seja o homem na sociedade contemporânea? Não há como responder sem levar em consideração a historicidade que é constitutiva do humano. Então, podemos inverter e perguntar: “o que tem sido o homem?” Não é possível chegar a uma resposta padrão para “homem” sem definir a que época, a que contexto estamos nos referindo. Existem muitas variáveis para essa pergunta: pensamos que o conceito de homem vai depender do tempo e do espaço sócio-histórico e cultural. As percepções de si mesmo vão mudando e não se tem apenas um modelo do que seja humano: cada contexto sociocultural formata o

seu modelo. Nessa formatação, a escola ocupa (ou deveria ocupar) lugar de destaque. Sob a ótica de Savater (2000, p. 38),

antes de a criança ser educada, não há nela nenhuma personalidade própria que o ensino oprima, mas apenas uma série de disposições genéricas, fruto do acaso biológico: através do aprendizado (não apenas submetendo-se a ele mas também rebelando-se contra ele e inovando a partir dele) irá forjar-se sua identidade pessoal irrepetível.

Para Fensterseifer (2003, p. 1), ser “humano” já é estar mergulhado/inserido em um determinado “padrão” cultural. Ao fazer uma analogia com as “melancias quadradas” cultivadas pelos japoneses e desenvolvidas no interior de caixas de vidro, o autor chama a atenção para o fato de que “os seres humanos desenvolvem-se no interior de ‘caixas de vidro’ produzidas por diferentes modelos civilizatórios e culturais”.

Tomando cultura no sentido weberiano proposto por Clifford Geertz (1989) como teia de significados na qual nós nos inserimos, tecendo-a, podemos afirmar que a educação⁴, em sentido amplo, insere-nos na cultura, potencializando-nos para “tecê-la”. E a escola nos potencializará conforme um entendimento consensuado do que é melhor para aquele contexto social. Ou melhor, o “tipo” de ser humano que queremos formar depende do objetivo que queremos atingir.

⁴ Cabe destacar, também, que a educação é produto cultural, o que nos permite afirmar que os diferentes modos de educar são elementos instituídos que possuem um poder instituinte.

⁵ Referimo-nos aqui à escola republicana, a qual já é uma opção, porém não cabe a ela fazer escolhas que neguem a pluralidade de opções inerentes a uma sociedade democrática.

⁶ Neste texto, mídias são entendidas como os meios de comunicação (jornal, rádio, revistas, etc.). Assim como em Betti (2003), a opção pelo uso do plural decorre da percepção de que há uma crescente proliferação e diferenciação das mídias, cumprindo cada uma delas funções específicas e intercomplementares.

Isso mostra que a escola nunca pode ser considerada neutra⁵. Conforme Savater (2000, p. 178), inspirado em Hannah Arendt, “a educação transmite porque quer conservar; e quer conservar porque valoriza certos conhecimentos, certos comportamentos, certas habilidades e certos ideais. Nunca é neutra: escolhe, verifica, pressupõe, convence, elogia e descarta”. Assim, enquanto instituição, a escola é fundamentalmente reprodutora, e podemos acrescentar que não há instituição que não o seja, uma vez que todas cumprem papel formador e só formamos porque temos uma forma, que, real ou virtualmente, está pré-concebida. Fazer educação implica escolhas, ainda que nem sempre refletidas ou conscientes; educar é favorecer o desenvolvimento de “um tipo de homem em face dos outros, um modelo de cidadania, de disposição para o trabalho, de maturidade psicológica e até de saúde, que não é o único possível, mas que se considera preferível aos demais” (SAVATER, 2000, p. 178).

OS DESAFIOS IMPOSTOS PELA MÍDIA

Ao entendemos que dentre as responsabilidades da escola se encontra a formação do homem para seu tempo e contexto, cabe a pergunta: no atual contexto sociocultural, destacando a presença dos meios eletrônicos e virtuais⁶ de comunicação (principalmente a televisão e a internet), que conhecimentos

a escola deve mobilizar para dar conta de contribuir com a formação humana? Como lidar com esse universo de informações? Essas questões deveriam, em nosso entender, ocupar os educadores nesse início de século. Tal entendimento está ancorado em pesquisas que demonstram que crianças e adolescentes são telespectadores assíduos exatamente nas fases mais críticas da formação física e mental do ser humano.

Betti (1999, p. 89) chama a atenção para o fato de que vivemos hoje numa sociedade informacional, permanentemente bombardeados por palavras, sons, imagens, na forma de sinais, índices, ícones e símbolos. Para o autor, o que preocupa é a velocidade com que somos atingidos por informações: “temos muita informação e poucas chances de utilizá-las; temos muita informação e pouco significado; temos muita informação fragmentada e pouco contexto”.

Com base em Babin e Kouloumdjian, Betti (1999, p. 89) entende que os educadores precisam compreender a linguagem audiovisual que predomina na cultura jovem, que se caracteriza pela mixagem entre som, palavra e imagem, na qual “fala-se mais do que se escreve, vê-se mais do que se lê, sente-se antes de compreender”.

Se a mídia age primeiramente sobre os sentidos para num segundo momento (talvez) apelar para a razão, cabe à escola, segundo os autores supracitados, educar para que as pessoas consigam manter uma distância crítica e reflexiva em relação às mensagens, pois entendem eles que dificilmente se consegue alcançá-la espontaneamente: ela exige um processo de educação.

Como a multiplicação dos meios de comunicação não leva a um aumento da comunicação entre as pessoas, mas a um aumento das recepções individuais de mensagens, a Escola deve ser lugar de reagrupamento e comunicação, para reestruturar, ressignificar as informações da mídia. Nas palavras de Babin e Kouloumdjian, a Escola deve ser o lugar da ‘mesa do saber’, não tanto onde se aprendem coisas que podem ser aprendidas sozinho, mas sobre a qual se coloca junto o que se aprendeu ‘a fim de ligar, isto é, completar, relativizar, criticar e confrontar o aprendido com a sociedade e a ação’ – em suma, *lugar de conexões* (BETTI, 1999, p. 90, grifos do autor).

No entendimento desse autor, os educadores precisam superar a perplexidade e a inércia diante das mídias: o que se pretende é desenvolver nos alunos a capacidade de associar informações desconexas, analisá-las e aprofundá-las. O professor, pela sua experiência e sabedoria, deve exercer um papel de mediador entre as mídias e os alunos. Não pode, portanto, adotar uma posição de negação ou preconceito com relação a elas; pelo contrário, deve se expor às mídias, possuir uma atitude de presença e não de distância no mundo das mídias, sem abrir mão da exigência de qualidade, recusando o que é muito superficial ou manipulador.

Por essa perspectiva, a escola deve auxiliar o aluno a “digerir” o que assiste, pois as mensagens veiculadas pelas mídias dizem respeito ao seu mundo. Ao defender essa ideia, Ferrés questiona: “Se a educação visa formar cidadãos críticos e reflexivos, como alcançar tal objetivo sem prepará-los para realizar de forma crítica aquela atividade à qual dedicam grande parte de seu tempo?” (apud BETTI, 2003, p. 274).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não compactuamos com a generalização da hipótese de que as mídias “alienam”, desconsiderando o telespectador, internauta, leitor, etc., sujeito dotado de diferentes características psíquicas e socioculturais, situado em diversos contextos, passível enfim de múltiplas e interativas mediações, e, portanto, gerando interpretações diversificadas e não unívocas. A escola, porém, deve tornar-se, explícita e intencionalmente,⁷ mais um contexto de mediação que se interpõe entre os alunos e as mídias, em particular no que tange a retirar da subliminarietà as mensagens a que o aluno está cotidianamente exposto.

Enfim, mudam os desafios, mas a formação do homem continua sendo a grande tarefa educacional. É a ela que se consagra desde sempre a civilização, em todos os tempos e lugares, com as suas instituições e pelos mais diversos meios – entre esses a escola. Entendemos que à escola cabe, dentro de sua especificidade, facultar aos cidadãos o acesso a bens e a competências que lhes permitam viver à altura da sua época, contemporâneos do tempo que lhes foi dado viver, por meio do usufruto da tecnologia, do progresso e dos bens que o perfazem. Em formar neles a consciência do valor intrínseco das suas vidas e do significado vital para a comunidade. Em incentivá-los a que sejam o melhor que acreditam ser possível, sabendo que o resultado será sempre insuficiente e que por isso não permite descanso ou desistência no esforço de continuar a mudar e a transformar o mundo, como se nele houvessem de viver eternamente.

Sabemos que “a escola não transmite exclusivamente a cultura dominante, mas o conjunto de culturas em conflito no grupo em que ela nasce” (HANNOUN apud SAVATER, 2000, p. 176). Não podemos ignorar o lugar que as mídias ocupam nesse conflito e seu poder homogeneizador. Entende-se, a partir disso, que a escola pode ser um lócus ideal de questionamento dos fenômenos culturais contemporâneos, os quais têm nas mídias um palco privilegiado. Ela pode ser um lugar onde os sujeitos aprendem outras formas de enxergar os fenômenos do mundo, potencializando-os para intervenção, a qual, como própria do universo político, não pode, felizmente, ser antecipada. A riqueza do repertório das opções, no entanto, é a garantia de que o homem pode continuar se refazendo na sua busca de perfectibilidade.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lucia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires **Filosofando**: introdução à filosofia, São Paulo: Moderna, 1986.
- BETTI, Mauro. Educação física, esporte e cidadania. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. São Paulo, v. 20, n. 2, abr./set., p. 84-92, 1999.
- _____. **Educação física escolar**: do idealismo à pesquisa-ação. 336 f. Tese (Livre-Docência em Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação Física e Motricidade Humana) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP, 2003.

⁷ Afirmar tal intencionalidade é assumir essa tarefa como responsabilidade imprescindível de uma educação que tem o compromisso de diálogo com o seu tempo, não deixando-a como decorrência do acaso ou da boa vontade de certos professores.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A tarefa educacional na especificidade da escola.**

Texto de referência utilizado em conferência realizada com professores do Colégio Evangélico Augusto Pestana de Ijuí, 2003 (mimeo).

GEERTZ, Clifford **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia.** Piracicaba: Unimep, 1996.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.